

DILEMAS E PERSPECTIVAS  
DIDÁTICAS EM FORMAÇÃO  
DOCENTE E ENSINO DE LÍNGUA

ENTRE PRESCRIÇÕES  
E PRÁTICAS



Cleide Inês Wittke  
Milena Moretto  
Gláís Sales Cordeiro  
(organizadoras)

DILEMAS E PERSPECTIVAS  
DIDÁTICAS EM FORMAÇÃO  
DOCENTE E ENSINO DE LÍNGUA

ENTRE PRESCRIÇÕES  
E PRÁTICAS

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dilemas e perspectivas didáticas em formação docente e ensino de língua : entre prescrições e práticas / Cleide Inês Wittke, Milena Moretto, Gláís Sales Cordeiro, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-526-4

1. Letramento digital 2. Linguagem e línguas – Estudo e ensino 3. Prática de ensino 4. Professores – Formação profissional I. Wittke, Cleide Inês. II. Moretto, Milena. III. Cordeiro, Gláís Sales.

18-18338

CDD-370.71

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Formação docente : Ensino de língua : Educação 370.71

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final:* dos autores  
*bibliotecária:* Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**AGOSTO / 2018**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Dedicamos este livro a todos os professores do mundo  
comprometidos com a educação, especialmente  
aos mestres brasileiros que, apesar das dificuldades  
e dos desafios constantes,  
ainda acreditam e investem no ensino.*



## SUMÁRIO

- Apresentação  
FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO:  
A ALQUIMIA DO SABER . . . . . 11  
Cleide Inês Wittke, Milena Moretto e  
Gláís Sales Cordeiro
1. A DIFÍCIL TAREFA DE (TRANS)FORMAR/ENSINAR  
UM PROFESSOR: POSSIBILIDADES E TENTATIVAS . . . . . 21  
Cleide Inês Wittke
2. MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO,  
GENERICIDADE E TEXTUALIDADE:  
APONTAMENTOS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES . . . . . 49  
Anderson Carnin e Ana Maria de Mattos Guimarães
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE  
DO LICENCIANDO EM LETRAS E LEI DOS ESTÁGIOS . . . . . 79  
Alessandra Baldo
4. A INSERÇÃO DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS  
DIGITAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
NOS CURSOS DE LETRAS . . . . . 97  
Jossemar de Matos Theisen

5. DIÁLOGOS PROFISSIONAIS EM UM CONTEXTO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: A COMPREENSÃO DO AGIR DOCENTE E DIDÁTICO PARA A SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES . . . . .	119
Carla Silva-Hardmeyer e Maria Izabel Rodrigues Tognato	
6. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA FORMAÇÃO DOCENTE E DAS PRÁTICAS DE ENSINO NO BRASIL: AS LIÇÕES DE PEDAGOGIA DE MARIA LACERDA DE MOURA . . . . .	179
Paula Cristina David Guimarães	
7. ALTERIDADE E DIÁLOGO NO CONTEXTO DO PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO OBEDUC: UMA ANÁLISE DOS REGISTROS REFLEXIVOS PRODUZIDOS PELAS PROFESSORAS PARTICIPANTES . . . . .	203
Milena Moretto e Adair Mendes Nacarato	
8. DESENVOLVENDO PRÁTICAS DE LETRAMENTO EMERGENTE PARA (SE) CONSTRUIR UMA CULTURA COMUM NA SALA DE AULA . . . . .	225
Sandrine Aeby Daghe, Glaís Sales Cordeiro, Nicolas Dupraz e Marie Hirt	
SOBRE OS AUTORES . . . . .	255

*Qualquer Tempo*

*Qualquer tempo é tempo.  
A hora mesma da morte  
é hora de nascer.*

*Nenhum tempo é tempo  
bastante para a ciência  
de ver, rever.*

*Tempo, contratempo  
anulam-se, mas o sonho  
resta, de viver.*

(Carlos Drummond de Andrade 1988)



Apresentação  
FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO:  
A ALQUIMIA<sup>1</sup> DO SABER

*Cleide Inês Wittke*  
*Milena Moretto*  
*Gláís Sales Cordeiro*

Quando falamos em formação docente, estamos diretamente ligados às questões implicadas na e com a Educação, pois (trans)formar um sujeito em um professor competente, em um *verdadeiro educador*, implica uma visão ampla do processo educacional. Esse processo não se esgota, ao contrário, tem apenas seu começo na formação inicial e segue ao longo da carreira, através da formação continuada, pois, segundo Freire (1993[2001]), o ser humano tem consciência de sua finitude e reconhece que

- 
1. Dizemos alquimia fazendo alusão ao sentido expresso na Ciência Mística, especialmente ao conhecimento transcendental quando o chumbo era transmutado em ouro. Assim, metaforicamente falando, o professor tem o compromisso de transmutar o saber em conhecimento apropriado para ser assimilado pelo aluno. Esse profissional da educação precisa ser capaz de realizar a transposição didática do saber científico (técnico e/ou cultural) em conhecimento didatizado, mas sem perder sua essência (Chevallard 1985; Petitjean 1998; Schneuwly e Dolz 2009).

deve estar aberto a sempre saber/conhecer mais. Cabe lembrar que o processo de formação perpassa, mas também ultrapassa os conhecimentos teóricos e específicos de cada área (das disciplinas de referência), as técnicas e os domínios didáticos e metodológicos, os conhecimentos históricos, contextuais e psicológicos sobre o ensino e a aprendizagem em ambiente formal (Perrenoud 1994b). Isso porque “Os professores não ensinamos apenas os conteúdos. Através do ensino deles, ensinamos também a pensar criticamente, se somos progressistas e ensinar para nós, por isso mesmo, não é depositar pacotes na consciência vazia dos educandos” (Freire 1993[2001, p. 32]).

Assim, a formação docente diz respeito a conhecimentos de leis que regulamentam a educação, de políticas públicas educacionais e, essencialmente, de saber como lidar com situações culturais e sociais (Wittke e Schneuwly 2016), já que preparamos um profissional que lidará diariamente com seres e relações humanas, o que significa conflitos e tomadas de posições (Petitjean 1999). Essa prática requer consciência do papel social de educar e, para isso, o professor precisa estar aberto a rever suas metas e atitudes, tendo sempre a ética profissional e pessoal como ponto de referência (Almeida Filho e Oliveira 2016). Isso não significa que um profissional da educação nunca erra, nem comete incoerências, mas que está em constante (tras)formação, na busca do ideal, já que se encontra inserido em um contexto social que se transforma e o profissional precisa se ajustar à realidade em que atua/age (Perrenoud 1994a, 1999).

Nesse sentido, fazemos nossas as palavras do ilustre educador Paulo Freire, quando o pensador diz que:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história,

ter incorporado à sua natureza não apenas *saber que vivia* mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

A impossibilidade ainda de poder ser a educação neutra coloca ao educador ou educadora, permitir-se a repetição, a imperiosa necessidade de optar, quer dizer, de decidir, de romper, de escolher. Mas, lhe coloca também a necessidade da coerência com a opção que fez. Coerência que jamais podendo ser absoluta, cresce no aprendizado que vamos fazendo pela percepção e constatação das incoerências em que nos surpreendemos. É descobrindo a incoerência em que caímos que, se realmente humildes e comprometidos com sermos coerentes, avançamos no sentido de diminuir a incoerência. Esse exercício de busca e de superação é, em si, já, um exercício ético. (Freire 1993[2001, p. 22])

Nos últimos anos, a formação docente e o ensino de línguas no Brasil foram também bastante influenciados por trabalhos realizados na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), assumida por pesquisadores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

Tais pesquisas contribuíram para evidenciar a necessidade de trabalhar com gêneros textuais na escola, conceptualizando-os no âmbito das transformações pelas quais devem passar, isto é, um “modo de pensar” o ensino e a aprendizagem de gêneros (Schneuwly e Dolz 2004). Além disso, forneceram instrumentos, “um modo de fazer” (*id.*), para planejamento e elaboração de material didático. Para tanto, a “modelização didática” do gênero revela-se, por um lado, como uma etapa imprescindível no planejamento do ensino, em função de sua finalidade, visto que, ao entrar no contexto escolar, o gênero sofre um “desdobramento”, tornando-se, concomitantemente, “um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem” (Schneuwly e Dolz 2004, p. 179). Por outro lado, a ideia de sistematizar o ensino e a aprendizagem de gêneros em “sequências didáticas”, conjuntos sistematizados de

diversas atividades que permitem decompor, “elementarizar” (Schneuwly 2009) as dimensões discursivas e linguísticas de um gênero, oferece pistas interessantes no que diz respeito à preparação e à realização de uma proposta didática, visando levar os alunos a se confrontarem com práticas de linguagem sócio-historicamente construídas no escopo de projetos de comunicação específicos que permitem sua apropriação.

É a partir dessas pesquisas que reunimos diferentes autores para discutir, cada um em seu contexto de estudo e de trabalho, por meio de atividades de ensino e de pesquisa, acerca de questões pertinentes à formação docente e ao ensino de línguas. Das oito contribuições que compõem este volume, sete referem-se à rede de educação brasileira e uma, especificamente, ao contexto educacional do cantão de Genebra na Suíça.

No capítulo intitulado *A difícil tarefa de (trans)formar/ensinar um professor: possibilidades e tentativas*, a partir de um construto teórico da Didática das Línguas (DL) e da Transposição Didática (TD), Cleide Inês Wittke produz uma reflexão sobre questões essenciais à formação do professor de línguas, em especial do profissional de língua materna, na tentativa de encontrar diferentes vias para qualificar o trabalho desse docente e também o ensino de português no meio escolar. Com esse objetivo, a autora contextualiza sua perspectiva de linguagem e de língua, no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem, tendo a interação verbal, via leitura e produção textual, como objeto e prática de ensino. Ao problematizar a formação inicial do docente de Letras, Wittke questiona a ementa das disciplinas de referência dos currículos das licenciaturas de Letras da universidade federal onde trabalha e apresenta uma proposta idealizada de (trans)formação docente, relacionando a teoria com a prática e também o ensino com a pesquisa.

Na sequência, através da interface entre os dispositivos de ensino de sequências didáticas e projetos de letramento, no capítulo intitulado *Modelo Didático de gênero, genericidade e textualidade: apontamentos sobre o ensino de língua portuguesa e a formação de professores*,

Anderson Carnin e Ana Maria de Mattos Guimarães elaboraram um construto teórico e metodológico, em trabalho conjunto entre professores em atuação e pesquisadores, para desenvolver metodologias de práticas de ensino e de pesquisas na formação continuada do docente. Nesse contexto, os autores desenvolveram seu estudo a partir de dois eixos norteadores: com base em um modelo didático do gênero artigo midiático de divulgação científica (artigo MDC), a partir de um trabalho de mestrado de uma professora e pesquisadora de seu grupo de pesquisa, voltado à formação continuada do professor de português; e também através da problematização da relação de racionalização e de explicitação do caráter de genericidade e de textualidade próprio do gênero em foco. Cabe dizer ainda que Carnin e Guimarães definem o modelo didático de gênero (MDG) como ferramenta didática e como dispositivo de formação, analisando elementos-chave no modelo artigo MDC apresentado.

No capítulo *Considerações sobre formação docente do licenciando em Letras e Lei dos Estágios*, Alessandra Baldo direcionou sua investigação da formação inicial do professor de línguas com base nas atividades didáticas que esses futuros professores realizam durante seus estágios, ao longo do curso de Letras na Universidade Federal de Pelotas. A professora formadora tece uma reflexão a partir de seu acompanhamento do trabalho realizado por dois estagiários licenciandos de Letras, tendo o Interacionismo Sociodiscursivo como embasamento teórico para a análise dos planos de ensino de inglês, sob uma perspectiva do modelo didático do gênero textual. Além disso, Baldo criou hipóteses explicativas para justificar o desencontro entre as atividades formuladas pelos estagiários e o modelo de ensino de língua proposto por meio de gêneros de textos, tomando o Parecer CNE/CP9/2001 e a Lei nº 11.788 como pano de fundo para sua discussão.

Com o objetivo de ressaltar a importância de desenvolver um trabalho efetivo com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), bem como de inserir práticas de

letramentos digitais no ensino superior, em especial nos cursos de Letras, Jossemar de Matos Theisen desenvolveu o capítulo *A inserção de práticas de letramentos digitais na formação de professores no curso de Letras*. A professora defende o ponto de vista da necessidade do desenvolvimento de propostas e de atividades didáticas e pedagógicas no ensino superior, interligadas com ferramentas tecnológicas digitais e também com plataformas *online*. Nessa perspectiva, Theisen apresenta discussões sobre o uso das TDIC na formação dos professores de Letras, mostrando a utilidade desse conhecimento no desenvolvimento de atividades, tanto como acadêmicos, quanto como futuros professores. Na sequência, a autora continua abordando a questão e defende que o domínio e o uso das práticas de letramentos digitais são fundamentais no ensino superior, portanto, devem ser integradas nos currículos dos cursos de modo geral, mas em especial nos de licenciaturas.

No capítulo *Diálogos profissionais em um contexto de formação continuada: a compreensão do agir docente e didático para a superação de dificuldades*, Carla Silva-Hardmeyer e Maria Izabel Rodrigues Tognato discutem sobre o papel da formação continuada de professores para o agir docente em processo de desenvolvimento. O contexto da pesquisa está centrado em uma experiência de formação continuada realizada por Hardmeyer, em 2011 e 2012, em uma escola pública do Mato Grosso, da qual participaram professores de diferentes disciplinas. Para tecer essa discussão, as autoras levaram em consideração as contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo, da Ergonomia da Atividade Francesa e da Clínica da Atividade para analisar o diálogo que é estabelecido a partir do procedimento da autoconfrontação tanto simples quanto cruzada.

Em *Perspectivas históricas da formação docente e das práticas de ensino no Brasil: As Lições de Pedagogia de Maria Lacerda de Moura*, Paula Cristina David Guimarães apresenta um estudo de algumas perspectivas históricas da formação docente e das práticas de ensino realizadas no Brasil, no início do século XX. Para isso, a autora se pauta na análise do livro *Lições de Pedagogia*, publicado pela

professora Maria Lacerda de Moura, que possibilita compreender o processo de formação docente no Brasil. Considerando que a publicação dessa obra gerou uma série de discursos sobre a formação de professores, Moura se pauta nos estudos foucaultianos para discorrer sobre os diferentes “saberes” que foram produzidos, bem como de que forma esses saberes funcionam como estratégias capazes de subjetivação dos novos professores aptos a atuarem na profissão.

Em *Alteridade e diálogo no contexto do projeto de formação continuada do Obeduc: uma análise dos registros reflexivos produzidos pelas professoras participantes*, Milena Moretto e Adair Mendes Nacarato têm como objetivo analisar os indícios de desenvolvimento profissional de professoras dos anos iniciais, as quais ensinam matemática a partir da participação delas no grupo de pesquisa-formação denominado Observatório da Educação (Obeduc). O projeto supracitado se fez com base em um trabalho compartilhado e colaborativo entre universidade-escola, que tinha como propósito investigar as práticas de letramentos escolares, mais especificamente, o letramento matemático e, também, as práticas de formação docente de professores que ensinam matemática nos anos iniciais. No entanto, longe de investigar *sobre* as docentes, o objetivo foi investigar *com* as professoras – o que proporcionou um movimento dialógico e, consideravelmente, marcado pela alteridade. Os indícios de desenvolvimento profissional das participantes estão materializados nos registros reflexivos que as professoras produziram ao final do projeto e que as autoras analisaram neste capítulo.

Por fim, mas não menos importante, temos o capítulo intitulado *Desenvolvendo práticas de letramento emergente para (se) construir uma cultura comum na sala de aula*, no qual Sandrine Aeby Daghé, Gláís Sales Cordeiro, Nicolas Dupraz e Marie Hirt levantam questionamentos sobre os desafios ligados ao desenvolvimento das práticas de letramento emergente nas atividades escolares. Partindo de um dispositivo de formação inicial visando à produção escrita no início da escolaridade (alunos de 4-5 anos) no cântão

de Genebra, ela revela os aportes de uma abordagem didática baseada, conjuntamente, em gêneros de textos e práticas letradas para o ensino da leitura e da escrita a jovens alunos. A utilização de textos compósitos e documentários é determinante para o sucesso do dispositivo de ensino, instituindo os futuros professores como mediadores fundamentais do processo de letramento dos alunos.

Não poderíamos finalizar este projeto sem agradecer aos colegas e autores que, prontamente, se dispuseram a participar deste momento de reflexão sobre o trabalho com as práticas de linguagem, tendo a formação docente inicial e continuada como foco de estudo, com vistas a qualificar o ensino e a aprendizagem nas escolas. Esperamos que a leitura desses textos possa trazer reflexões, concordâncias, discordâncias, respostas, indagações, enfim, que eles possibilitem uma leitura interativa criando um diálogo sobre a formação inicial e continuada de professores.

### Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. e OLIVEIRA, H. F. (2016). “Que área sustenta a formação de professores de línguas nas licenciaturas em letras (linguagem)?” *Linguagem & Ensino*, Pelotas, vol. 19, nº 1, pp. 197-215, jan/jun.
- CHEVALLARD, Y. (1985). *La transposition didactique. Du savoir savant au savoir enseigné*. Grenoble: La pensée sauvage.
- FREIRE, P. (1993[2001]). *Política da Educação: ensaios*. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões de nossa época)
- PERRENOUD, PH. (1994a). “Savoirs de référence, savoirs pratiques en formation des enseignants, une opposition discutable”, in: *Compte-rendu des travaux du Séminaire des formateurs de l’IUFM*. Grenoble: Institut universitaire de formation des maîtres, pp. 25-31.

- \_\_\_\_\_. (1994b). “Du projet au plan de formation”, in: *Compte-renduz des travaux du Séminaire des formateurs de l’IUFM*. Grenoble: Institut Universitaire de Formation des Maîtres, pp. 32-34.
- \_\_\_\_\_. (1999). “Formar professores em contextos formais em mudança. Prática reflexiva e participação crítica.” *Revista Brasileira de Educação*, n° 12, Universidade de Genebra, pp. 5-21, set/dez. Traduzido por Denice Barbara Catani. Disponível em: [http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php\\_main/php\\_1999/1999\\_34.html](http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_34.html) Acesso em: 10/05/2015.
- PETTITJEAN, A. (1998). “Enseignement/apprentissage de l’écriture et transposition didactique.” *Pratiques*, n° 97/98, pp. 105-132, jun.
- \_\_\_\_\_. (1999). “Valeurs, savoirs et textes dans les instructions officielles du Lycée.” *Pratiques*, n° 101/102, pp. 117-138, mai.
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. (2009). *Des objets enseignés en classe de français. Le travail de l’enseignant sur la rédaction de textes argumentatifs et sur la subordonnée relative*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- WITTKE, C. I. e SCHNEUWLY, B. (2016). “A didática na formação do professor de línguas sob a perspectiva do pesquisador Bernard Schneuwly.” *Calidoscópio*, vol. 14, n° 2, pp. 350-361, mai/ago.